

DA ESFERA CULTURAL À ESFERA POLÍTICA: A HOMOSSEXUALIDADE NAS TELENÓVELAS E A BUSCA POR RECONHECIMENTO

Ângela Cristina Salgueiro Marques
UFMG

As telenovelas podem ultrapassar a fronteira da banalidade e se desviar de críticas que a consideram veículo ideológico de despolitização e de escape. As questões, polêmicas e enredos apresentados pelas telenovelas propiciam um repertório público que, ao se entrecruzar com histórias individuais ou de grupos, é capaz de inovar modos de entendimento, de representação e comunicação. Ao destacar certos assuntos e não outros, a telenovela estabelece uma conexão entre o público e o privado. Experiências e discussões que antes se processavam de maneira dispersa no meio social, podem ser reunidas e confrontadas pelo “gancho” temático proporcionado pela telenovela. Ao assistirem a uma telenovela os indivíduos se apropriam do discurso ficcional de maneira própria e reflexiva¹, isto é, redimensionando as mensagens simbólicas de acordo com sua biografia particular, sua inserção histórico-cultural num contexto situado no tempo e no espaço.

A telenovela exerce um grande impacto na esfera pública, pois é capaz de mobilizar emocionalmente os agentes sociais, para que estes tomem um posicionamento e iniciem um debate público em torno de questões específicas. Desse debate novas formas de auto-entendimento e entendimento do outro podem ser originadas, abrindo espaço para a criação de vínculos de solidariedade e respeito mútuo, e também acirramento de conflitos. Nesse sentido, telenovelas que abordam temas tidos como “tabus” (homossexualidade, preconceito racial, drogas, etc) conferem visibilidade a significados compartilhados e, muitas vezes, contribuem para

¹ GIDDENS. Modernity and self-identity: self and Society in the late modern age. Stanford: Stanford University Press, 1991.

o questionamento de estereótipos estigmatizantes e representações opressoras. Entendemos, então, a telenovela como narrativa ficcional capaz de participar de processos de inovação cultural e mobilização política.

A Próxima Vítima e Torre de Babel: a representação da homossexualidade

A representação da homossexualidade que aparece nas narrativas seriadas televisivas, principalmente a telenovela, tende a privilegiar estereótipos que desvalorizam o estilo de vida de gays e lésbicas. Mesmo que essas narrativas proporcionem visibilidade a grupos e estilos de vida geralmente renegados à obscuridade, a verdadeira subjetividade dos sujeitos sociais (sua experiência singular) continua invisível, pois acontece somente na esfera privada. A predominância de valores, práticas e normas que privilegiam a heterossexualidade, impõe obstáculos para que os homossexuais encontrem disponíveis, no meio sócio-cultural, recursos simbólicos próprios para que possam construir uma representação satisfatória para sua narrativa de vida. Uso aqui o termo narrativa porque, ao nos apresentarmos diante dos outros, escolhemos as representações que melhor nos auxiliarão a contar nossa história, ou pelo menos a história de uma demanda ou de um desejo. Assim, através da narrativa, tentamos tornar pública uma experiência, na esperança de que ela alcance o respeito e a estima alheia.

A visibilidade conferida a indivíduos ou grupos de sexualidade estigmatizada sempre teve repercussões controversas na sociedade. Geralmente, estes grupos manifestam seu desagrado em relação à maneira caricata e depreciativa que figura nas representações televisivas. No entanto, as duas telenovelas por nós selecionadas foram tidas como marcos importantes de uma transformação no modo como os homossexuais são representados na TV.² *A Próxima Vítima*

² Ver La PASTINA. "The sexual other in Brazilian television: Social and Institutional constraints on representations", 2001, mimeo.

(Globo, 20:00, 13/03/95 a 4/11/95 - reprisada em 10/07/00 a 8/12/00) e *Torre de Babel* (Globo, 20:00, 25/05/98 a 15/01/99), ambas de Sílvio de Abreu, mostram, respectivamente, um casal de gays (Sandrinho e Jefferson) e de lésbicas (Leila e Rafaela). Em *A Próxima Vítima*, somos convidados a acompanhar a descoberta do desejo homossexual entre dois estudantes de Direito, caracterizados como bons filhos e bons amigos. A intenção de Sílvio de Abreu³ era mostrar a homossexualidade dentro da família, ou seja, a reação dos pais, amigos e das próprias personagens diante dos conflitos, contingências e desejos ligados à sexualidade. A homossexualidade dos dois rapazes só é revelada meses após o início da trama. Por outro lado, em *Torre de Babel* vemos duas mulheres adultas, que já passaram por todas as dificuldades do “assumir-se” e que se encontram num nível maduro, estável e feliz do relacionamento. Elas são caracterizadas como duas mulheres lindas, elegantes e bem sucedidas no amor e no trabalho (são donas da grife ‘Rafaela Katz’). Em suma, fazem o estilo *lesbian chic*. Nesta novela, a intenção do autor era mostrar uma história possível de amor entre duas mulheres. O foco era a ‘própria relação’ e não ‘a presença de um homossexual na família’.

A representação da homossexualidade está diretamente ligada ao ‘como’ a questão ‘deve vir a público’ e ‘de que forma’. O tratamento dado à representação do casal Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) ganhou a simpatia do público. Os dois terminam juntos e felizes dividindo um apartamento sob a benção de familiares e amigos. Já Leila (Sílvia Pfeifer) e Rafaela (Christiane Torloni) foram condenadas à morte – na explosão de um Shopping Center - logo no início da trama. Nos primeiros capítulos, elas tomam banho juntas e dividem a mesma cama. Nada de beijos, abraços, carinhos ou toques sensuais. Mas o clima de intimidade e a “normalidade” dos casais enfureceu o público, preocupou a emissora e exigiu do autor uma modificação drástica na trama.

³ Ver entrevistas com Sílvio de Abreu em: Revista *Época*, 25/05/98; *Jornal do Brasil*, 27/08/95 e *O Globo*, 05/04/98.

Se entendemos que as más representações dos homossexuais nas telenovelas acarretam a eles um tipo de injustiça simbólica, então, temos que questões valorativas devem ser julgadas e entendidas também como normativas. Ou seja, se hábitos, estereótipos, sentimentos de rejeição e valores simbólicos reproduzem a opressão e a desvalorização de alguns grupos ou indivíduos, eles devem ser entendidos como injustos e, necessariamente precisam ser revistos e mudados.⁴ Contudo, para que mudanças envolvendo injustiças simbólicas (hostilidade, invisibilidade e desrespeito)⁵ sejam alcançadas, é preciso que as narrativas de vida dos grupos e indivíduos estigmatizados sejam publicizadas e que se instaure um debate em torno delas.

A narrativa identitária e o discurso na telenovela

A narrativa tem como característica principal articular eventos (transformando-os em episódios) que têm sua temporalidade e espacialidade próprios, mas que são encadeados de modo a construir um entendimento coerente de quem somos e de como chegamos até ali. É nesse ponto que a narrativa tangencia a questão das identidades. A identidade é aqui entendida não como algo fixo ou essencialista, mas sim como uma construção múltipla em processo, uma aquisição reflexiva individual. Portanto, podemos falar em identidades, não só identidade.

Para Giddens⁶, a relevância das telenovelas está na forma narrativa que a estrutura. A telenovela pode sugerir modelos para que possamos compor e articular a narrativa de nossa própria identidade. A maneira como os episódios são encadeados na trama de uma novela, nos revelam um resultado parecido com a trajetória de nossa própria vida. A evolução da trama nos mostra como a trama principal vai se articulando com as diversas sub-tramas de modo a conferir

⁴ Ver YOUNG, Iris. *Justice and politics of difference*. Princeton: Princeton University Press, 1990, p.150.

⁵ SOUZA, Jessé. “A dimensão política do reconhecimento social”. In: AVRITZER, Leonardo; DOMINGUES, José (orgs). *Teoria Social e Modernidade no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p.182-183.

⁶ GIDDENS. *Modernity and self-identity: self and Society in the late modern age*. Stanford: Stanford University Press, 1991, p.199.

um sentido coerente à história.⁷ Diante das contingências, injustiças e agruras necessitamos entender e ordenar os acontecimentos de nosso passado para que possamos entender como chegamos a determinada posição no presente. Somente quando resgatamos nossa trajetória através da memória, é que podemos projetar nossas expectativas com relação ao futuro.⁸

O discurso também se faz presente na telenovela. Entendido como um conjunto de práticas, expectativas e saberes partilhados que marcam nosso pertencimento a um dado grupo social, o discurso marca um modo próprio de articulação e interação com o mundo. Como interagimos com os outros em vários contextos sociais (trabalho, família, lazer, escola, Igreja), participamos de várias práticas discursivas as quais nos integram à sociedade. Margaret Somers e Glória Gibson⁹ nos chamam a atenção para este fato, quando dizem que nossas identidades dependem dos contextos sociais aos quais pertencemos e dos quais participamos estabelecendo relações com outros indivíduos. Nossa singularidade deriva das conexões entre essas várias identidades e posicionamentos que criamos e sustentamos.

Rafaela Katz foi expulsa de casa pelo pai, Agenor (Juca de Oliveira) aos 16 anos de idade. Então, conheceu Bárbara, uma mulher que a acolheu, lhe mostrou o mundo, as artes, a vida. Recuperou a auto-estima. E passou a viver feliz com Leila Sampaio. No diálogo¹⁰ a seguir, entre Rafaela (R) e Agenor (A), podemos perceber como Rafaela estrutura narrativamente sua trajetória de vida. E também podemos distinguir uma forma de discurso que marca a relação pai/filho, uma

⁷ BARKER, Chris. "Television and the reflexive project of the self: soaps, teenage talk and hybrid identities". In: *British Journal of Sociology*, 48 (4), 1997, p.627.

⁸ TAYLOR, Charles. *As fontes do self*. Loyola, 1997, p.71.

⁹ SOMERS, Margareth & GIBSON, Glória. "Reclaiming the epistemological other: narrative and the social constitution of identity". In: CALHOUN, Craig (ed). *Social Theory and the Politics of Identity*. Cambridge: Blackwell, 1994, p.44.

¹⁰ Capítulo 38, exibido em 10/07/98.

elaboração de razões e argumentos que ocorre através de uma “troca linguageira entre parceiros em circunstâncias bem determinadas”¹¹:

(R) Ah, meu pai, eu vou lhe dizer. Eu demorei muitos anos para entender, mas não posso reclamar. Eu tenho mais é que agradecer o dia que o senhor me colocou na rua.

(A) É claro, porque assim você pôde aprender suas safadezas.

(R) Safadezas, sujeira!? É só isso o que o senhor tem na sua cabeça. Pois eu vou lhe dizer uma coisa: eu sou uma pessoa de bem, uma pessoa do bem, por isso eu tive a sorte de encontrar alguém maravilhoso que me acolheu, que me respeitou.

(A) É, e que te ensinou as artes da depravação também, né?

(R) Não. Não foi a arte da depravação que eu aprendi. Eu aprendi a amar, eu aprendi a respeitar, a melhorar. Eu viajei, eu conheci o mundo, eu visitei museus, meu pai. Eu fui ao teatro, eu fui à ópera. Eu conheci a vida, gente interessante. E me conheci, me descobri, me aceitei. Eu sou feliz.

(A) Você é feliz?

(R) Feliz sim, graças a Deus. Feliz porque ao invés de ter um troglodita como o senhor como exemplo, eu tive a Bárbara. Uma mulher maravilhosa que me deu a chance de ser quem eu sou. Que me ensinou que o afeto, Seu Agenor, o afeto pode mudar uma pessoa.

Ao contrário de Leila e Rafaela, Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes) estão ainda construindo o entendimento de seu desejo, bem como afirmando e demarcando “episódios” chave de sua existência. Destacamos o diálogo¹² entre Sandrinho (S) e sua mãe Ana (Suzana Vieira) (A):

(A) Ah, meu filho! O que você é? Me explica que eu quero entender!

(S) Sinto muito, mãe! Mas já não depende da minha vontade. Eu tentei me interessar por garotas. Tive algumas namoradas. Mas não era verdade! Era só pra provar pros outros e até para mim mesmo que não tinha nada de errado comigo.

(A) E o que tem de errado com você?

(S) Depende do ponto de vista. Pra maioria das pessoas não tá certo gostar de uma pessoa do mesmo sexo.

(A) Quem sabe aparece uma moça boa, bonita, que goste muito de você...

(S) Eu já tentei mãe! Não uma nem duas vezes, porque eu queria gostar de uma menininha, queria ser aprovado, queria ser igual a todo mundo. Será que você não entende que não escolhi ser assim?

(A): E se você fosse a um médico e...

(S) Não é doença, mãe! Isso não se trata nem se cura! Eu sou assim, nasci assim...

¹¹ CHARAUDEAU, Patrick. “Uma teoria dos sujeitos da linguagem”. In: MARI, H. et alii. *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2001, p.25.

¹² Capítulo 119, exibido em 28/07/95.

Reconhecimento: amor, direitos e solidariedade

O que, de fato, queremos dos outros? Desejamos que o outro respeite nossa singularidade. Mesmo não compartilhando das mesmas idéias ou valores, apreciamos quando o outro nos respeita (como parceiros de interação) por nossa capacidade de defender e justificar de forma autônoma, com argumentos próprios, nossa postura ou ponto de vista. Mas esse respeito não deriva somente da apreciação de uma capacidade argumentativa que desenvolvemos. Ela se origina também de uma certa simpatia que despertamos no outro. Vimos que a identidade é formada por um esforço criativo de construção dos sujeitos. Nesse sentido, ela é um trabalho subjetivo. No entanto, necessitamos que essa identidade (ou identidades) seja reconhecida. E o reconhecimento só é alcançado quando nossas identidades ganham expressividade no espaço público. Ou seja, somente quando submetemos nossa identidade aos códigos de comunicação, interpretação e representação é que podemos buscar o entendimento e o respeito do outro.¹³ Mas, para que essa adaptação seja feita com sucesso, grupos e indivíduos precisam ter à sua disposição códigos, vocabulários e significados compartilhados que os representem dignamente. É preciso deixar claro que o reconhecimento não deriva da representação em si, mas do uso que as pessoas fazem do simbolismo disponibilizado pela cultura. Afinal, a luta por reconhecimento não visa afirmar a diferença pela diferença, mas politizá-la, trazendo as diferentes posições para o espaço público a fim de modificá-las, deslocá-las, fazendo com que sejam questionadas, reconsideradas. Trata-se do nosso entendimento de nós mesmos e dos outros.

Na tentativa de esclarecer quais seriam os atributos desejáveis de relacionamentos existentes entre os sujeitos sociais, Axel Honneth¹⁴ recupera a dimensão moral do

¹³ Sobre formas de injustiça cultural ou simbólica ver: FRASER, Nancy. "From Redistribution to Recognition?". In: *Justice Interruptus*. London: Routledge, 1997, pp.11-39.

¹⁴ HONNETH, Axel. *The Struggle for Recognition: the moral grammar of social conflicts*. Cambridge: MIT Press, 1995.

reconhecimento. Partindo de alguns conceitos utilizados por Hegel e Mead (outro-generalizado), Honneth distingue três níveis ou etapas de reconhecimento.¹⁵ E, para cada etapa ele também associa uma forma de desrespeito. A primeira está ligada ao amor existente na esfera familiar, de amizade ou relações amorosas. Esse nível de reconhecimento se constitui num pré-requisito para a obtenção das outras formas de reconhecimento. É na família que encontramos aceitação e encorajamento para adquirirmos a auto-confiança e a confiança nos outros.¹⁶ A forma de desrespeito ligada ao amor é a humilhação física (estupro, tortura). A segunda forma de reconhecimento está associada ao plano dos direitos. Nesse nível, os sujeitos podem garantir o auto-respeito e o respeito dos outros. A forma de desrespeito apontada por Honneth é a negação de direitos e a exclusão social, nas quais os sujeitos são lesados em sua dignidade por não terem garantidos seus direitos morais e responsabilidades como pessoas capazes de agir legalmente dentro de sua própria comunidade.¹⁷ O terceiro e último nível de reconhecimento apontado por Honneth é a solidariedade. Neste nível, as pessoas alcançariam a auto-estima e a estima social desde que não haja a depreciação ou desvalorização de modos de vida, ou formas particulares de auto-realização.¹⁸

Os argumentos discursivos e o reconhecimento

Nosso desafio é mostrar não a telenovela em si (sua produção, recepção ou configuração), mas seus múltiplos envolvimento na dinâmica social, especialmente a interseção entre telenovela e reconhecimento. Para tanto, pensamos a telenovela como recurso cultural capaz de instaurar focos discursivos de debate. Vozes, opiniões e vocabulários são mobilizados a partir de uma questão específica (o homossexualismo) em contextos específicos de discussão (tempo e

¹⁵ HONNETH, Axel. "Recognition or Redistribution? Changing Perspectives on the moral order of Society". In: *Theory, Culture & Society – Special Issue on Recognition and Difference*, v.18, n.2-3, April-June 2001, pp.43-55.

¹⁶ HONNETH, Axel. 2001, p.48.

¹⁷ HONNETH, Axel. 2001, p.49.

¹⁸ HONNETH, Axel. 2001, p.49.

espaço). Uma vez instaurada a discussão, a mídia impressa se encarregou de “coletar” vozes e produzir discursos acerca do tema da homossexualidade. Pretendemos observar para qual das três dimensões do reconhecimento essas falas (ou citações) apontam. Vejamos algumas dessas vozes:

TORRE DE BABEL

Opinião

Folha de S. Paulo, 10/07/98

“Depois de assexuar o casal de lésbicas de Torre de Babel, a cúpula da Rede Globo resolveu matar as duas na explosão do shopping. Não bastou aquele relacionamento frio, distante, amigável, irmanado. Os setores conservadores vão mesmo é explodir as duas, porque na realidade é o que gostariam de fazer conosco.”

Angela Gonçalves (Londrina, PR).

Das Câmaras de gás à explosão do shopping

Folha de S. Paulo, 20/07/98

Fernando Gabeira

No caso das lésbicas, a intenção foi a melhor possível. Se o amor delas resistisse à novelas das oito, à severidade da ceia familiar, o país teria dado um salto em direção ao século 21: direitos humanos fundamentais estariam sendo reconhecidos num país onde a maioria é chegada a uma pena de morte. Mesmo se a novela fosse um fracasso de público, a relação homossexual teria uma compreensão maior se fosse mantida até o fim. Com a explosão do shopping center, as duas mulheres foram condenadas à morte simbólica.

***Jornal do Brasil*, 29/05/98**

“Essa e outras novelas não refletem a realidade e, mesmo que fosse, estariam contribuindo para a destruição dos valores morais. (...) Esses programas, de modo particular várias novelas, são fonte dos males que nos afligem. Os responsáveis darão contas a Deus.” (Dom Eugênio Sales, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro)

Ela e ela, não!

Revista *Veja*, 08/07/98

Marcelo Camacho

“Vivemos numa espécie de complô de silêncio, de anonimato. Essa invisibilidade nos protege das fofocas, das brincadeiras de mau gosto.” (Mônica – nome fictício – médica paulista)

“As pessoas nunca são totalmente felizes na clandestinidade. O ideal é ter a aceitação de todos.”(Gilda Fucs, psiquiatra e sexóloga baiana)

Sílvio de Abreu mantém fama de criador de polêmica

O Estado de S. Paulo, 17/12/97

Júlio Gama

“Elas formam um casal que vive de forma natural, sem a menor culpa. (...)As pessoas precisam encarar as novas possibilidades de vida na sociedade. (...) Afinal, quando é apresentada com dignidade, essa é uma forma de vida que não choca as pessoas.” (Sílvio de Abreu).

A PRÓXIMA VÍTIMA

Militantes gays comentam a novela

Folha de S. Paulo, 04/06/95

Armando Antenore

“Sinto-me dignamente representado por Sandro e Jefferson. A novela os apresenta como cidadãos. Os dois estudam, têm família e amigos. Não são irresponsáveis, nem folclóricos como os personagens de programas humorísticos. Não saem rebolando pelas ruas à caça de parceiros. Também não se comportam como os tipos exóticos que o dramaturgo Nelson Rodrigues criou. Não são suicidas nem assassinos em potencial. Tratar os homossexuais na televisão com delicadeza, sem exageros, eleva a auto-estima da comunidade gay.” (Toni Reis, secretário Geral da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis – ABGLT).

A TV encara a família

Jornal do Brasil, 27/08/95

Marili Ribeiro

“Conheço gays que pegaram a mãe pela mão e foram assistir à novela e quando a cena acabou revelaram sua condição.” (Sílvio de Abreu, referindo-se à cena em que Sandrinho revela à sua mãe que ele é gay).

A capacidade que algumas telenovelas possuem de instaurar um debate público em torno de questões específicas permite que duas esferas sociais se interceptem: a esfera cultural e a esfera política. Temas considerados tabus, como a homossexualidade, ao alcançarem o espaço de visibilidade proporcionado pela telenovela, colocam atores sociais e discursos em movimento e exigem o questionamento de valores mantidos pela tradição aos quais estereótipos e estigmas inevitavelmente estão ligados. Exigem também a revisão e atualização de entendimentos comuns e vocabulários compartilhados, de modo a minimizar ou extinguir as formas simbólicas de injustiça, opressão e desvalorização que impedem indivíduos ou grupos de alcançarem o devido reconhecimento.